

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: A PARASSÍNTESE

Vito Cesar de Oliveira Manzolillo (UERJ/USP)
cesarmanz@globocom.com

RESUMO

Sucintamente definida como acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma base para a formação de uma nova unidade lexical, a parassíntese ocupa um espaço singular entre as chamadas derivações afixais. De acordo com autores dedicados ao estudo dos neologismos, o processo, pouco produtivo na criação de palavras na atualidade, conforme afirmam Correia e Almeida (2012, p. 50), “contraria o princípio da ramificação binária que rege a derivação afixal e, segundo o qual, em cada processo derivacional apenas intervêm uma base e um afixo.” Assim, explicitar as principais características da parassíntese (derivação parassintética e circunfixação são outras designações usadas para nomear o processo) constitui o objetivo principal desta exposição.

Palavras-chave: Formação de palavras. Parassíntese. Derivação. Circunfixação.

1. Considerações iniciais

Nossa experiência em sala de aula, ministrando cursos na área da morfologia, nos levou a perceber o fato de que, com demasiada frequência, no âmbito dos processos de formação de palavras, os autores costumam analisar de modo diferente os tópicos expostos. No que diz respeito especificamente à parassíntese, processo pouco produtivo na atualidade para a formação de novos itens lexicais⁹⁵, tal afirmativa constitui verdade inconteste.

Assim, o que se pretende com esta pesquisa é a realização de estudo comparativo centrado na observação da derivação parassintética sob a perspectiva de autores diversos.

2. A parassíntese e seu conceito

Os estudiosos costumam definir parassíntese como a adição simultânea de prefixo e de sufixo a uma base para a criação de uma nova

⁹⁵ Autora dedicada ao estudo dos neologismos, Alves (2007, p. 40) afirma: “As formações neológicas parassintéticas, em que o prefixo e o sufixo juntam-se a uma base nominal, não se apresentam com muita produtividade no português contemporâneo”.

palavra, sendo este um processo especialmente produtivo na formação de verbos, “e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* (*en-*) é a de participar desse tipo especial de derivação” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 101). Para Kehdi (1997, p. 18), essa primazia dos verbos ocorre porque “geralmente, os prefixos que figuram nos parassintéticos têm um sentido *dinâmico*: *embarcar* (*em-*: movimento para dentro), *desfolhar* (*des-*: ato de separar)”.

Gonçalves (2011, p. 78) considera que

uma circunfixação em /eN ... ecer/ é aplicada a bases adjetivas para explicitar mudança de estado (físico ou psicológico). Em todos os casos, a mudança de estado é vista como progressiva e gradual, sendo caracterizada, na verdade, como um processo. Nesses exemplos, tem-se a noção de aspecto⁹⁶.

Rocha (2008, p. 166-167) lembra que

a base de uma formação parassintética pode ser um substantivo ou um adjetivo [e que], com base substantiva, o produto pode ser um verbo ou um adjetivo, (...) exist[indo] um número bem maior de formações parassintéticas verbais do que adjetivais.

Sandmann (1992, p. 46) observa que

também adjetivos são formados por derivação parassintética: *achocolatado*, *descadeirado*, *descamisado*, [assim como] adjetivos em *-vel* mais o prefixo *in-* podem ser parassintéticos: *inovidável*, *inesquecível*, *intocável*, falando a favor dessa posição o fato de esses adjetivos serem muito mais frequentes no uso do que os sem prefixo *in-*. Diríamos que o sistema permite formar *olvidável* e depois *inovidável*, (...) *descadeirar* e depois o adjetivo *descadeirado*, mas o uso ou a norma mostram que a forma parassintética é privilegiada.

No modo de ver de Henriques (2011, p. 115),

as palavras dotadas de prefixo e sufixo, sejam as de derivação sucessiva (prefixação ou sufixação) ou as de derivação simultânea (parassíntese), não deixam de ter seu processo de formação analisado circunstancialmente. Afinal, não há impedimento definitivo para que o vocábulo intermediário virtualmente inexistente seja tornado real pelo uso linguístico. Ou seja, **impublicar*, **vacalhar*, **tardecer*, conquanto não possam ser consideradas formas primitivas reais de *impublicável*, *avacalhar* e *entardecer*, são vocábulos coerentes com os padrões mórficos da língua portuguesa.

Basilio (1987, p. 44), por sua vez, salienta o fato de que

⁹⁶ Segundo o autor (GONÇALVES, 2011, p. 116), em exemplos como *entristecer*, *envelhecer* e *emagrecer*, “a mudança de estado é contínua, tornando o processo gradual e prolongado. Podemos afirmar, portanto, que a circunfixação em /eN ... ecer/ apresenta o traço [+ durativo], o mesmo que caracteriza o gerúndio e o pretérito perfeito”.

o que caracteriza a derivação parassintética não é a presença ou ocorrência simultânea de prefixo e sufixo junto à base, mas a estrutura de formação, que exige utilização simultânea de prefixo e sufixo no processo de formação. Assim, nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética⁹⁷.

Para Azeredo (2010, p. 465-466),

*esta derivação, que se faz por acréscimo simultâneo de elementos mórficos antes e após o radical da forma primitiva, se chama derivação parassintética, circunfixação ou, simplesmente, parassíntese. Por parassíntese derivam-se muitos verbos. O tipo mais produtivo é o que acrescenta ao mesmo tempo um dos prefixos a-, en- ou es- e a terminação verbal precedida do sufixo -ec-, quando o verbo é da segunda conjugação (ex.: *entardecer* (...), *anoitecer* (...), *empretecer* (...), *esclarecer* (...)), ou sem sufixo, quando o verbo é da primeira conjugação (ex.: *apontar* (...), *enfiar* (...), *afiar* (...), *entortar* (...), *esfarelar* (...)). (...) Há também muitos verbos derivados por parassíntese com os prefixos des-, ex- e re-: *destronar* (...), *despistar* (...), *desfigurar* (...), *expropriar* (...), *xpatriar* (...), *expectorar* (...), *repatriar* (...), *reciclar* (...), *refinar* (...). A parassíntese tem-se revelado também produtiva na derivação de adjetivos, como *desalmado* e *desbocado*.*

Já Rocha (2008, p. 166) explica que

formações do tipo *deslealdade*, *injustiça* e *insensatez* não são formações parassintéticas. A partir de *leal*, por exemplo, dá-se o acréscimo sucessivo de prefixo (*desleal*) e depois de sufixo (*deslealdade*). É possível também falar primeiro em sufixação (*lealdade*) e depois em prefixação (*deslealdade*). De qualquer forma, a língua não oferece evidências a respeito da ordem dos processos, razão por que é preferível falar simplesmente em *derivação prefixal e sufixal*⁹⁸.

Correia e Almeida (2012, p. 50) explicitam a ideia de “a parassíntese contraria[r] o princípio da ramificação binária que rege a derivação afixal e, segundo o qual, em cada processo derivacional apenas intervêm uma base e um afixo”. Para Carone (1988, p. 41-42), parassíntese é en-

⁹⁷ A autora (BASILIO, 1987, p. 47) amplia o conceito de parassíntese, ao considerar casos como o do adjetivo *desdentado*, o qual, segundo ela, apresenta “duas formações: uma parassintética, em que temos a adição simultânea de *des-* e *-ado* ao substantivo *dente*, para expressar o sentido adjetivo *sem dente*; e uma em dois níveis, em que temos o acréscimo de *-do*, caracterizador de participio passado, à base do verbo *desdentar*”.

⁹⁸ O autor (ROCHA, 2008, p. 166) também assinala que “é preciso não confundir os exemplos apresentados com os casos de *desumano* e *desamar*, por exemplo, em que se reconhecem as únicas seqüências possíveis: *homem* → *humano* → *desumano* (e não *homem* → **desomem* → *desumano*) e *arma* → *armar* → *desamar* (e não *arma* → *desarme* → *desamar*). Como se vê, as bases de *desumano* e de *desamar* são, respectivamente, *humano* e *armar*. Trata-se, portanto, de dois casos de prefixação”.

tendida como a derivação simultaneamente prefixal e sufixal. Nesse caso, “prefixo e sufixo teriam certa semelhança com significantes descontínuos, que se articulam a uma base em um mesmo momento”. Também Souza e Silva & Koch (2011, p. 53) consideram que, na derivação parasintética, “o prefixo e o sufixo são acrescentados a um só tempo ao morfema lexical, constituindo, portanto, um único morfema gramatical, de caráter descontínuo”. Essa descontinuidade de que falam Carone & Souza e Silva & Koch pode, segundo se lê em Rosa (2000, p. 53), levar alguns autores (cf. MONTEIRO, 2002, p. 155) a postularem, em formas como *amanhecer*, a presença de um afixo descontínuo *a...ec(e)r* chamado “*circunfixo* (e por essa razão a denominação *circunfixação* é empregada em lugar de *parassíntese* caso se leve em conta tal proposta)⁹⁹”. Gonçalves (2011, p. 89, nota 2), por sua vez, expõe que

circunfixos são afixos descontínuos. Nesse tipo de morfema, uma só unidade de expressão é dividida em frações, aparecendo em diferentes lugares da cadeia sintagmática. No seu interior, uma outra forma é incluída, tornando-a descontínua. Nos casos de parassíntese, um prefixo e um sufixo são adicionados simultaneamente a uma base para efeitos de mudança de classe. Como só há uma diferença de significado entre o derivado e o derivante, pode-se considerar a parassíntese como um caso de circunfixação, no qual há adição simultânea de elementos nas posições inicial e final. Uma vez que o afixo literalmente se divide em dois, no seu interior é anexada a raiz.

Carone (1988, p. 42) enxerga na parassíntese algo que considera um problema não resolvido,

pois seria necessário estabelecer aí duas subcategorias: os parassintéticos que se formam com prefixo e sufixo (*enternecer*, *esclarecer*, *amanhecer*) e os que se formam apenas com prefixo e desinências verbais (*engavetar*, *esburacar*, *aclarar*). Considerar a existência de sufixo no segundo grupo exigiria uma redefinição de sufixo que englobasse os morfemas flexionais do verbo¹⁰⁰.

⁹⁹ Para certos estudiosos, a adesão a essa proposta se justifica pelo fato de a semântica dos prefixos envolvidos na parassíntese ser, como menciona Sandmann (1997, p. 74), “muitas vezes vaga ou imprecisa, senão inexistente”. Henriques (2011, p. 115) considera esse tipo de derivação um “caso singular em que o prefixo pode não apresentar significado algum”. De acordo com Monteiro (2002, p. 156), “em geral, a primeira parte do morfe descontínuo que ocorre nos parassintéticos, embora pareça um prefixo, não apresenta qualquer significado”, situação que cria o inconveniente de conferir a uma forma sem significado o *status* de morfe.

¹⁰⁰ É outra a visão de Monteiro (2002, p. 155). Para ele, em formas como *a clar ø ar*, *a flor ø ar*, *a larg ø ar* e *en terr ø ar*, por exemplo, o segmento após a base, embora presente, não apresenta configuração fônica. Freitas (2007, p. 196), no entanto, afirma: “Embora o expediente linguístico do elemento ø (zero) seja válido, não concordamos com sua aplicação neste caso dos parassintéticos, uma vez que o maior número de palavras é o que apresenta inexistência de sufixo derivacional, não constituindo, assim, a exceção, mas a regra geral, o que comprova a deficiência do critério”.

As mesmas subcategorias de que fala Carone são levadas em conta por Freitas (2007, p. 200). O autor explica:

Permanecendo o critério tradicional, que determina o emprego simultâneo de prefixo e sufixo na formação dos parassintéticos, é importante distinguirem-se dois tipos de parassintetismo: 1) Parassintéticos com afixos derivacionais, constituindo o processo real derivativo, como *a-* (prefixo) + *noit(e)* (base) + *ec* (sufixo) + (*er*), sendo *a-* e *-ec* sufixos derivacionais. 2) Parassintéticos com um só afixo derivacional (o prefixo, acrescentando-se ao radical a terminação flexional *-ar*) constituem um processo parcial de derivação parassintética.

Correia e Almeida (2012, p. 50) limitam a ocorrência de parassíntese apenas às situações “em que, além do prefixo, ocorre um sufixo derivacional claramente marcado, como nos casos (...) de *anoitecer* (com o sufixo *-ec*) e de *esverdear* (com o sufixo *-e*)¹⁰¹”. Já Henriques (2011, p. 116) afirma que são formados

por parassíntese verbos que, além de terem um prefixo vazio de sentido, podem ter apenas a terminação verbal (*em+barc+ar*, *es+quent+ar*), em vez de um sufixo formalizado que, quando existe, tem valor iterativo ou incoativo (*em+brut+ec+er*, *a+noit+ec+er*).

Kehdi (1997, p. 16-17) julga não haver

necessidade de distinguir formas como *esclarecer* e *aclamar*, com o argumento de que, na segunda, não figura um sufixo. Na realidade, as únicas flexões possíveis para o adjetivo *claro*, radical de *aclamar*, são: *claro / clara / claros / claras*. A terminação *-ar*, de valor verbal, está contribuindo para que a palavra *claro* mude da classe dos adjetivos para a dos verbos, ou seja, está desempenhando um papel sufixal.

O mesmo autor (1997, p. 18-19) prossegue, informando que

há exemplos curiosos de verbos cujo radical é um adjetivo que exprime cor, e que, aparentemente, não seriam parassintéticos: *amarelar*, *azular*. Todavia, se considerarmos o subsistema dos verbos formados por esses adjetivos, verificaremos que são, na maioria, parassintéticos: *acinzentar*, *alaranjar*, *arroxear*, *avermelhar* etc. Ora, nesses verbos mencionados ocorre o prefixo *a-*. Como os adjetivos *amarelo* e *azul* começam pela vogal *a-*, podemos admitir que houve a crase desse *a-* inicial do radical com o prefixo *a-*.

No que respeita às funções exercidas por prefixos e sufixos no âmbito da parassíntese, Sandmann (1992, p. 47) diz que

¹⁰¹ No final do livro, as autoras apresentam um glossário. No verbete *derivação parassintética*, esta é definida como o “processo derivacional para a construção de verbos denominais ou deadjetivais, no qual um prefixo e um sufixo se juntam simultaneamente a uma base”. Em flagrante contradição com o que expõem no corpo da obra, os exemplos de parassíntese fornecidos são *abotoar* e *encaracolar*.

nos parassintéticos, o prefixo exerce (...) função semântica (*encaixar*: en- “para dentro”, *expatriar*: ex- “para fora”, *repatriar*: re- “de volta”, *desossar*, *des-afastamento*”), cabendo ao sufixo função sintática – muda, nos exemplos dados, substantivo em verbo –, a que pode acrescer função semântica: *entardecer*, *amanhecer*, em que a *-ecer* cabe ideia incoativa, e *apedrejar*, *esbravejar*, com sufixo *-ejar* frequentativo.

Por fim, é necessário considerar ainda a posição de Bechara (2009, p. 343), bastante singular se comparada aos demais autores referidos. Para ele,

pode-se (...) entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. (...) Deste modo, em *aclarar*, *entardecer*, *amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar*, **tardecer*, **manhecer* ou **aclaro*, **entarde* e **amanhã*.

3. Considerações finais

Ao longo de nossa exposição, foi possível perceber que os diversos autores pesquisados entendem a parassíntese de modo diverso. O grande motivo de discórdia reside nos verbos da primeira conjugação (*apontar*, *enfiar*, *despetalar*, *entortar*, *esfarelar* etc.).

Correia e Almeida, por não identificarem a presença de sufixos nessas palavras, optam por não considerar a ocorrência de derivação parassintética nessa situação.

Pela mesma razão, em casos como esses, Carone & Freitas preferem estabelecer categorias especiais de parassintéticos: para a primeira, aqueles formados por prefixo e desinências verbais (*engavetar*, *esburacar* e *aclarar*, por exemplo); para o último, os constituídos de prefixo e terminação flexional *-ar*.

Azeredo foge dessa polêmica ao considerar formado por parassíntese o item léxico ao qual se acrescentam simultaneamente “elementos mórficos” antes e depois do radical.

Kehdi não vê necessidade no estabelecimento de duas categorias de parassintéticos verbais, pois, para ele, a terminação *-ar* apresenta valor verbal e função sufixal, contribuindo para transformar o adjetivo *claro* no verbo *aclarar*, por exemplo.

Na visão de Monteiro, o processo pode ser interpretado como o acréscimo de um morfe descontínuo ou circunfixo a uma base, advindo

dessa característica a denominação de circunfixação, adotada por alguns a fim de nomear essa modalidade de derivação. Ainda segundo o autor, às vezes o segmento após a base não apresenta configuração fônica, casos de *alargar, agrupar, enterrar, embainhar*, entre outros.

Finalmente, Bechara, em função da proposição de formas virtuais ou teóricas, desconsidera a existência de derivação parassintética como processo de formação de palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia: visão sincrônica*. 5. ed. revista e ampliada com exercícios e respostas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. rev. e ampl.

Campinas: Pontes, 2002.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília P. de; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.